

**NA RODA UMA PESQUISA EM ANDAMANTO: QUAIS TEM SIDO E QUAIS SÃO AS  
ESPECTATIVAS DE JOVENS DA MAIOR FAVELA DO RIO DE JANEIRO, A MARÉ,  
QUANDO O TERRITÓRIO ANUNCIAM MUDANÇAS NA SOCIABILIDADE?**

Shyrlei Rosendo dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto é a apresentação de uma pesquisa que pretende realizar-se com jovens brasileiros da favela da Maré situada no Rio de Janeiro. A fim de descobrir quais são as expectativas deles em relação ao futuro, quando o local onde residem for pacificado pelas forças de Segurança do Estado, que tem como objetivo ofertar e garantir direitos.

**Palavras Chaves:** Juventudes, expectativa de futuro, educação e favela.

**Resumen:** Este artículo es la presentación de una investigación que tiene como objetivo colocar al joven brasileño de lo favela da Maré en Río de Janeiro. Con el proposito de averiguar cuáles son sus expectativas para el futuro, cuando el locale donde habitan fueren pacificados por las fuerzas de Seguridad del Estado, cuyo objetivo es ofrecer y garantizar los derechos.

**Palabras clave:** Juventud, expectativa de futuro, educación y la Barrios de la favela.

**INTRODUÇÃO:**

O Rio de Janeiro, hoje com 6.320.446 habitantes (Censo IBGE 2010a<sup>2</sup>), é palco de intensas mudanças territoriais, na sua paisagem, nas políticas públicas e sociabilidade, incluindo as favelas. Pode-se afirmar que estas transformações começaram a ocorrer, no mínimo, há cinco anos, após escolha da cidade para sediar os Jogos Olímpicos em 2016 e a Copa do Mundo em 2014. Essas mudanças atingem a todos, inclusive os jovens cariocas que representam 24,1% da população total da cidade (Censo IBGE 2010b)<sup>3</sup>. Mas atingem, sobretudo, os jovens “favelados”, uma vez que foram esses territórios que vivenciaram e vivenciam as mais intensas mudanças no campo do acesso a direitos, depois da “retomada” das favelas pelas forças de segurança do Estado.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Política Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: shyrleirosendouerj@gmail.com

<sup>2</sup>Banco de dados do IBGE. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>.

<sup>3</sup> *Idem*.

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Diante do cenário político, um intenso debate teórico sobre a presença e ausência do Estado<sup>4</sup> nas favelas vem acontecendo, seja na academia ou nos movimentos sociais. Desta forma, tanto o Estado, quanto alguns intelectuais e o senso comum filosofam sobre ausência deste nas favelas sob o argumento de que ele não pode garantir direitos da mesma forma que o faz em outros territórios em virtude das favelas serem dominados por grupos criminosos armados, fazendo “ressurgir” as velhas questões da “Cidade Partida”<sup>5</sup> colocada por Ventura (1994).

Na contramão desta perspectiva, autores como Silva (2012a) defendem a idéia de que partida não é a cidade, mais sim o Estado<sup>6</sup>, pois na cidade os cidadãos circulam<sup>7</sup>. Isto é, “partido” é o Estado porque privilegia atender as demandas do capital em detrimento daquelas reivindicadas pelo conjunto dos cidadãos pobres, criando a cidade dos ricos e dos pobres, ou, núcleo e periferia (Abreu, 1987a). Neste caminho, reflexões de (Silva & Barbosa 2005a; Silva 2009b; Farage 2012 a; & Santos 2013a) aludem que o Estado sempre esteve presente nos territórios das favelas, desde seu surgimento como apontou Valladares (2005), em seu livro “*A invenção da Favela: Do mito de origem à Favela.com*”.

Segundo Farage (2012b), em virtude de atender aos interesses do capital, o Estado esteve presente de forma assistencialista, onde a precariedade em assegurar direitos conquistados por essa população (tais como educação, cultura e lazer, e etc.) levou a sociedade ao entendimento de que as favelas são espaços da ausência. A “ausência” por parte do Estado neste lugar tem por objetivo manter uma “cidadania da esperança”<sup>8</sup>, isto é,

---

<sup>4</sup> Aqui se compreende o Estado no sentido Gramsciano, onde este se constitui em um conjunto de aparelhos pelos quais a hegemonia e a repressão são utilizadas pela classe dominante a fim de criar consenso entre as classes subalternizadas da sociedade. Ou seja, Estado seria para o autor italiano “sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção” (GRAMSCI, 2001, p. 244-245). Logo, se o Estado é a soma sociedade civil + sociedade política, podemos dizer que uma das formas pelas quais o Estado se faz presente nas favelas é através da sociedade política, com seus aparelhos, tais como a escola, a saúde, a segurança pública, as infra- estruturas básicas e etc.

<sup>5</sup> A “Cidade Partida” foi um termo cunhado por Zuenir Ventura em seu livro com título homônimo, de 1994

<sup>6</sup> “Estado é partido” é afirmação presente no livro “O Novo Carioca” (2012), em uma carta que Jailson Souza e Silva faz para Zuenir Ventura, em resposta ao termo “Cidade Partida”. Para Silva (2012), a cidade não é partida, partido é o Estado que atua de forma desigual e preconceituosa nas favelas sobre o prisma de serem territórios de ausências.

<sup>7</sup> Afirmar que os sujeitos circulam pela cidade não significa dizer que eles se apropriam da cidade da mesma forma. Mas coloca em questão que a cidade não é partida.

<sup>8</sup> Cidadania da esperança é um termo cunhado por mim, entendido como o sentimento que parte significativa da população destes espaços tem em relação à forma precária que o Estado atua nos mesmos. Ou seja, a esperança de que

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

a esperança de que um dia os direitos sociais, políticos e econômicos viriam a ser plenos nestes territórios o que acabou evitando processos organizativos orgânicos.

O discurso se fortalece sob o argumento de que o Estado não pode e não consegue garantir direitos em territórios dominados por grupos criminosos armados. Todavia, o que acontece é um controle do Estado que garante a subalternização de sujeitos, mantendo-os em bolsões de pobreza, o que Farage (2012c) nomeia como “aparente não controle” por parte do Estado.

[...] O aparente não controle do Estado sobre esses territórios dá-se pelo fato de utilizar formas distintas de controle, como a constituição de políticas públicas assistencialistas, a constituição de centros sociais ligados a políticos, a cooptação sobre lideranças comunitárias por parte do poder público e até mesmo o não controle do território possibilitando o domínio armado pelos grupos criminosos. Na prática, se apresenta como uma forma eficaz de manter os moradores sobre um determinado controle e de alimentar um forte esquema de corrupção, envolvendo desde os grupos criminosos armados até membros da política nacional e o tráfico internacional de drogas e armas. (FARAGE, 2012, p.56).

O discurso da ausência somado com o da cidade insegura foi o disparador para criação do Programa de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) que pudesse retomar o controle sobre o território de forma “pacífica” criando uma polícia de proximidade que possa “trazer a paz” para os moradores cariocas e a cidadania para os das favelas<sup>9</sup>. Vale salientar que a concretização do programa da UPP, embora não seja assumido no discurso oficial do Estado, resulta de algumas experiências anteriores no campo da Segurança Pública no Rio de Janeiro, como por exemplo, a polícia comunitária que surge na década de 80 no Governo Brizola. Desta forma, o discurso oficial é de que a UPP tem base na experiência de Medellín na Colômbia que, segundo Machado (2011a), já no país de origem demonstrava declínios.

Objetivando “trazer a paz” para as favelas, a UPP parece assumir o papel de mediador e interlocutor da inserção e garantia de acesso a direitos que se intercalam desde

---

um dia eles terão seus direitos plenamente consolidados, o que significa, por exemplo, ter uma escola de qualidade, ter posto de saúde em que não falem médicos e etc.

<sup>9</sup>Encontra-se no site oficial da UPP que polícia de proximidade significa: “(...) um conceito que vai além da polícia comunitária e que tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de segurança pública. A atuação da polícia pacificadora, pautada pelo diálogo e pelo respeito à cultura e às características de cada comunidade, aumenta a interlocução e favorece o surgimento de lideranças comunitárias”. Acessado em: 20 de Setembro de 2013. Disponível em: <http://www.upprj.com>.

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

a implementação de políticas públicas à execução de projetos ofertados pelo Estado e Organizações Não Governamentais (ONGs) e as empresas públicas e privadas. Ou seja, a UPP, na verdade, tem sido o braço armado do Estado nas favelas para garantir implementações de projetos que têm por objetivo o “resgate da cidadania” dos “favelados”.

Num cenário histórico onde a maioria dos policiais entende estes territórios como da ausência, logo, não confiam na população local, por entenderam que eles, em especial os jovens, ou são parte ou coniventes com o tráfico, fazendo emergir minhas primeiras questões: Como uma instituição como a polícia, em especial a Polícia Militar (PM), cujo objetivo é a manutenção da ordem com ou sem o uso do recurso à violência, pode garantir direitos para os pobres, em especial os jovens pobres? A segunda questão é: juventude e polícia podem atuar juntos, em contextos em que nem a polícia confia na juventude e nem a juventude confia na polícia? Seria possível um diálogo “fraterno” e “solidário” entre policiais e juventudes com o intuito de garantir, por exemplo, os direitos necessários para a transição para a vida adulta?

Por outro lado, algumas pesquisas têm mostrado a satisfação da população em relação à presença da polícia, como a realizada pela Fundação Getúlio Vargas no Morro de Santa Marta, onde 87% dos entrevistados afirmaram apoio às ações da polícia, visto que o índice de homicídios – seja de policiais, seja da população de forma geral – diminuiu, gerando o sentimento de segurança para a população local e para o restante da cidade<sup>10</sup>. Apesar disso, outras pesquisas, como as de Cano (2012b) e no próprio *site* da Secretaria de Segurança do Estado apontam para o aumento do número de denúncias referentes “à perturbação da ordem (briga entre vizinhos, barulho, entre outras) e à violência doméstica” da mesma forma que a precariedade de serviços de coleta de lixo, ao saneamento básico e etc. O que é contraditório neste cenário é que se a partir da retomada do território onde Estado se faz presente, porque o número de denúncias por parte dos moradores tem sido da “ausência” dele, Estado?

### **PORQUE ESTUDAR A JUVENTUDE?**

---

<sup>10</sup> Canos, 2012 no relatório Os “donos do morro”: uma avaliação exploratória do impacto das unidades de polícia pacificadora (Upps) no Rio de Janeiro. Texto apresentado no Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Maio de 2012. Disponível em: <http://www.lav.uerj.br/docs/rel/2012/RelatUPP.pdf>, realizado pelo laboratório de Análise da Violência.

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Uma das características que marca a juventude é o agora, o presente que precisa ser vivenciado e que venha garantir bases sólidas para uma vida adulta. Mas é sabido que só uma parcela mínima dos jovens brasileiros, tem tido acesso a essas bases, tais como; a escola de qualidade, cultura, saúde, lazer, acesso ao trabalho e, principalmente, o direito de participar da vida pública de sua comunidade/bairro/cidade/país. E essa porcentagem mínima nada mais é que um reflexo de políticas públicas “feitas” para frear as desigualdades, contenção da pobreza. Por isso, corroboro com Santos<sup>11</sup> (1972a) que deixar de ser pobre não tem haver com ter acesso à mercadoria uma vez que,

[...] ‘pobreza’ não só implica um estado de privatização material como também um modo de vida – e um conjunto complexo e duradouro de relações e instituições sociais, econômicas, culturais e políticas criadas para encontrar segurança dentro de uma situação insegura. [...]” (SANTOS, 1972,p.19 ).

Essa gestão da pobreza, também distingue as formas de ser jovem no Brasil, neste sentido, estudar juventude é uma espécie de “luneta” que pode nos possibilitar estudar a sociedade brasileira e as formas de gestão de pobreza a qual milhões de brasileiros estão submetidos, pois como afirma (Peregrino,2009a),

[...] Experimentar a juventude, essa espécie de aprendizado da condição adulta, pode significar, neste país, a experimentação de vivências incomunicáveis por causa das distancias sociais que estão na origem da mesmas: pelas instituições que mobilizam, pelo grau de vulnerabilidade ou, ao contrário de suportes sociais que comportam, pelos rituais que expressam, pelas expectativas que geram ou abortam, e, finalmente pelo grau de inserção social que anunciam. [...] ( PEREGRINO,2009,p.4)

É ter a chance de, compreender como alguns jovens “furam a bolha a qual foram colocados”. Acreditando que os jovens não são uma categoria que está à margem, acima ou abaixo da sociedade, mas entre como aludiu Santos (2013d), ou seja, ela está entre as gerações que a antecedem ou que estão à sua frente. Logo, pesquisá-los pode vir a ser uma possibilidade de compreender como as políticas públicas interferem ou não na vida desses sujeitos. Da mesma forma, tentar compreender como o Estado se relaciona com eles. Pois, se é verdade que a favela é o dissonante dentro do consonante da cidade, determinadas Juventudes acabam sendo o dissonante dentro de determinados modelos de juventude.

---

<sup>11</sup> Saber mais ler, Pobreza Urbana de Milton Santos, 1972.

Neste sentido, se a favela, na cidade do Rio de Janeiro tem sido o dissonante, o outro Campo (2010a) e a polícia nesta cidade tem funcionado para garantir segurança por meio ou não da violência cerceando os dissonantes. E os jovens que são entre e alguns jovens dissonante, dissonância marcada pela pelas desigualdades sociais. Como a juventude que é entre traçam a sua expectativa de futuro? Quais são as expectativas de futuro dos jovens dissonantes, aqui os da Maré?

### **O TERRITÓRIO DE PESQUISA E AS QUESTÕES QUE EMERGEM SOBRE ESSA JUVENTUDE**

A favela da Maré é uma área a ser pacificada, pela sua importância no cenário carioca, pois está próxima às principais linhas de acesso à cidade do Rio de Janeiro, como as Linhas, Vermelha e Amarela, e a Avenida Brasil. Hoje, com 130 mil habitantes distribuídos em 15 comunidades ao longo da Avenida Brasil, onde 37.131 são jovens, segundo os dados do (Censo IBGE 2010c). Em minha monografia de final de curso<sup>12</sup>, fiz um estudo sobre o território e o perfil dos jovens da Maré, utilizando a mesma fonte nele foi possível constatar que a favela da Maré,

[...] cerca de 90% das ruas são asfaltadas, porém a população sofre com problema de infraestrutura urbana no que tange a rede de saneamento básico e esgoto. Uma população advinda do êxodo rural do início do século XX, predominantemente do norte e nordeste do país e de algumas cidades do sudeste como Minas Gerais, que ao longo dos anos conquistou vinte e seis escolas públicas sendo duas de ensino médio, oito postos de saúde e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), um Batalhão de Polícia e dois Postos Comunitários de Polícias, um na Vila do João e outro no Parque União. Uma sede da rede de coleta de lixo, um posto da CEDAE e um equipamento de cultura, a Lona Cultura Herbert Vianna. [...]. (SANTOS, 2013, p.119)

Na seqüência, fiz um levantei um breve perfil da população jovem de 15 a 29 anos onde constatei que 50,7% dos jovens se declararam pardos. Em relação ao gênero, a Maré estava bem perto dos indicadores da cidade, onde 49,5% eram homens e 50,5% eram mulheres quando os indicadores da cidade eram de 49,6% de homens e 50,4% de mulheres. Quando tratando os dados sobre responsáveis por domicílio percebi que, dos

---

<sup>12</sup> **Detalhes capturados:** um esforço de mapear a favela da Maré tendo a juventude como ferramenta. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. Julho de 2013.

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

41.750 domicílios existentes na Maré, a juventude era responsável por 8.806 onde a predominância de responsabilidade era dos homens. As taxas de jovens alfabetizados eram de 98,5%, bem próximas das taxas da cidade, porém, ao separar por idade e por bairros selecionados de maneira a permitir comparações por contraste, notei que em bairros onde residem os ricos ou a classe média, bairros da Zona Sul como na Gávea, por exemplo, as juventudes entre as idades de 15 e 25 anos chegava a 100% de alfabetizados.

Os dados de renda utilizados também revelaram desigualdades, ou seja, enquanto um jovem 15 a 17 anos em idade escolar, na Maré, tinha uma renda média nominal de R\$ 428,11, os jovens da Gávea tinham uma renda triplicada e os do Flamengo, o dobro. Ao verificar a renda de jovens que estavam inseridos no mundo do trabalho, entre 25 e 29 anos, enquanto um jovem da favela ganhava R\$ 741,25, os jovens do Flamengo ganhavam R\$ 3.139,82 e da Gávea, R\$ 2.944,01.

O levantamento apontou para a existência de juventudes como indica (Abramo, 1994), isto é, existem inúmeras maneiras de ser jovem. Desta forma, acredita-se que algumas definições e referenciais teóricos que apontam a juventude como uma categoria constituída de sujeitos que estão numa fase transitória e por isso apresentam características de vigor, jovialidade, impulsividade, alegria, marginalidade, apatia e rebeldia são simplistas e implicam num cerceamento e tutela da juventude, definindo que apenas um grupo vai ser jovem, pois, reconhecem apenas uma maneira de ser jovem. Desta forma, compreende-se que os jovens são sujeitos sociais (Dayrell, 2003& Gropp, 2000), que pensam, agem, ou seja, vivem, num movimento dialético e contraditório do seu tempo (Santos, 2013d, p.90).

Contudo, esta ainda não é uma forma dominante de compreender a juventude, em geral, pois muitos dos projetos desenhados para jovens das favelas estão baseados num modelo que os entende como ociosos e delinquentes, por apresentarem uma maneira de ser jovem diferente da dominante. Compreende-se e concorda-se com (Bourdieu,1983a) quando este afirma que juventude é apenas uma palavra, ou seja, a noção de juventude está em disputa, constituindo-se, portanto, numa construção social politicamente disputada. Desta forma, pergunta-se: que tipo de políticas públicas, programas e projetos vêm sendo desenhados para os jovens da Maré? Ou melhor, que tipo de juventude está prevalecendo

nos comandos dos projetos selecionados para estes territórios pacificados e não pacificados?

Diante de tal cenário político, com os avanços e problemáticas apontadas pelos autores aqui utilizados, meu projeto traz indagações, tais como: de que maneira morar em um território controlado, hoje, pelos grupos criminosos armados e amanhã pelas forças de segurança constrange ou não as possibilidades de ampliação de direitos abertos pelas novas políticas para juventude? Como os jovens da Maré experimentam hoje a juventude neste contexto? Que expectativa eles desenham para o futuro? E quais são as suas expectativas em relação às mudanças que estão sendo anunciadas para o território?

Se é verdade que estudar a juventude é uma possibilidade de estudar a sociedade brasileira, como fala (Peregrino,2010b), logo, estudar a juventude da Maré – que constrói-se a partir de muita luta e resistência na medida em que, adjetivada negativamente vem sendo, historicamente, estereotipada – pode contribuir para que a sociedade avance e supere as desigualdades. Por outro lado, é uma oportunidade de perceber como os sujeitos “excluídos” criam ou não linhas de fuga perante as desigualdades e dificuldades que lhe são apresentadas, uma vez que não são passivos diante ao movimento em que estão inseridos.

### **ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS ATÉ AQUI**

Do ponto de vista metodológico, até o presente momento, foram utilizadas fontes secundárias, levantamentos de dados quantitativos e qualitativos, disponíveis sobre a população jovem do Rio de Janeiro e da favela da Maré, encontrados no banco de dados do Censo IBGE 2010. Da mesma forma, foram utilizadas referências teóricas de autores estudam a favela e que estão inseridos(as) nelas, seja como militantes, trabalhadores, moradores, ou pesquisadores, tais como; (Valladares, 2005b; Souza & Barbosa, 2005b; Farage, 2012b; e Silva, (2012b), etc. E outros que não têm a favela como primeiro objeto de pesquisa em si, mas o espaço dos pobres, como (Santos,1978, 1987) e (Gramsci,2001), que colaboram para a compreensão da lógica de funcionamento do Estado e da cidade. Optou-se por esse caminho a fim de “escutar” vozes que apresentam outro olhar sobre a

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

favela, uma vez que, historicamente as vozes dos grupos dominantes forjam uma história da constituição das favelas cariocas, onde na maioria dos casos, basea-se no medo.

Debrucei-me também sobre autores que estudam as juventudes, tais como Peregrino (2010), Pimenta (2012), Dayrell (2003), Gropp (2000), Abramo (1994), Bourdieu (1983) e Santos (2012) a fim de compreender os marcos teóricos e metodológicos que sobre juventude neste país. Ademais, outras referências que não foram expostas aqui resumizam e ajudam a compreender o problema que se deseja estudar, como Feixa (1999); Camarano (2006); Sposito, Brenner, e Moraes (2009); Ariès (2006) e no tocante à cidade, Lefebvre (2001) e Abreu (2008), etc.

Para tanto, a proposta de estudo se dá no sentido de fazer um levantamento e mapeamento das políticas já existentes e dos programas executores de políticas sociais voltados para os jovens, dentro da favela, antes da implantação da UPP e após uma anos retornar a fim de compreender em que medida a implantação da política de UPP amplia ou não as condições de uso da experiência juvenil, para o conjunto dos jovens moradores da Maré.

Da mesma forma que se pretende aplicar um questionário em jovens das 15 comunidades, tendo como espaço instituições como as igrejas, escola e as ONG,s e em jovens que não freqüentam estes espaços mas se encontram em outros lugares como as praças públicas com o intuito de mapear as suas expectativas de futuro, e como o programa da Upp pode ou não impactar tais expectativas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da família**. 2ed. Rio de Janeiro, 2006.

BOURDIEU, P. A Juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CHAMBOREDON, J. **La société française et sa jeunesse**. In: DARRAS, Les partage des bénéfices, Ed. De Minuit, Paris, 1966.

## II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

CAMARANO, A. A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CANO, I. **Os “donos do morro”**: uma avaliação exploratória do impacto das unidades de polícia pacificadora (Upps) no Rio de Janeiro. Texto apresentado no Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Maio de 2012.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Set /Out /Nov /Dez 2003 N. 24.

FARAGE, E. J. **Estado, território e cotidiano no complexo de favelas da maré**. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação da Faculdade de Serviço Social, da UERJ. Rio de Janeiro, 2012.

FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribus**: antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 1999.

GROPP, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e historia das juventudes modernas. Rio de Janeiro. Editora Difel, 2000.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Volume de 1 a 6. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2001.

IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010**: Resultados do Universo por setor censitário Disponível em: <[www.ibge.gov.br/censopopulacional2011](http://www.ibge.gov.br/censopopulacional2011)>. Acesso em: 15 abril. 2013.

LEFEBVRE, H. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

PEREGRINO, M. **Trajetórias desiguais**: Um estudo sobre o processo de escolarização pública dos jovens pobres. Rio de Janeiro. Editora Garamond, 2010.

PIMENTA, M. M. (2007). **“Ser jovem” e “Ser adulto”**: identidades, representações, trajetórias. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.

SANTOS, S. R. **Detalhes capturados**: um esforço de mapear a favela da Maré tendo a juventude como ferramenta. Monografia apresentada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2013.

SILVA, E. S. **O contexto das práticas policiais nas favelas da Maré**: a busca de novos caminhos a partir de seus protagonistas. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Serviço Social da PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2009.

**II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS,  
SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”**

---

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

SILVA, J. S. e BARBOSA, J. L. **Favela-alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, X Brasil, 2005.

SILVA, J. S. **Por que uns e não outros**: caminhada de jovens pobres para universidade. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um espaço em busca de seu lugar**: as favelas para além dos estereótipos. Editora EDUFF, 2007.

SILVA, L. A. M. **Afinal, Qual e das Upps?** Artigo publicado no site do Observatório das Metrôpoles. Março de 2010.

\_\_\_\_\_. **Os jovens e os policiamentos nas favelas**. Artigo disponível em [http://cadeiras.iscte.pt/SDir/APS2012\\_LuizMachado\\_TEXTO%20VII%20APS%2031-05-2012.pdf](http://cadeiras.iscte.pt/SDir/APS2012_LuizMachado_TEXTO%20VII%20APS%2031-05-2012.pdf)

SPOSITO, M. P.; BRENNER, A. K.; MORAES, F. F. **Estudos sobre jovens na interface com a política. \_\_\_ O estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), Volume 2**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

VALLADARES, L. P. **A invenção da favela – do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.